



## XXXII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE 2012 DIREÇÕES E SENTIDOS DA HISTÓRIA DA ARTE

### RESUMOS

Sandra Makowiecky

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

#### **Paisagem imaginada, representada e capturada: Florianópolis e o vento sul.**

“Quem não se interessa por obras de arte não entende bem esses comportamentos estranhos. É que delas, das obras, emanam forças prodigiosas”, nos diz Jorge Coli. O mundo da modernidade é um mundo de rigorosa descontinuidade em que o novo já não é o antigo que perdura, nem um fragmento do passado que retorna. Foucault, em *A Arqueologia do Saber*, nos diz que os objetos históricos são construções discursivas formadas por descontinuidades e esquecimentos, em que todas as coisas ditas não se acumulem em uma massa sem forma, nem se inscrevam numa linearidade ininterrupta, nem se apaguem por acidentes externos.

Vamos falar do vento sul nas artes em Florianópolis e como ele se insere na paisagem imaginada, representada e capturada. Por que esta escolha? Os ventos são deslocamentos de ar que desempenham um papel muito importante na vida dos seres vivos. Mas o nosso vento sul, é muito local. Nossas artes expressam valores, atitudes, comportamentos arraigados que persistem e resistem ao tempo e às ventanias ou brisas do destino. Aliás, todo ilhéu tem um caso com o vento. O nosso é com o Vento Sul. “Eu quero perder-me a fundo no teu segredo nevoento, ó velho e velado vento, velho vento vagabundo!”, diz Cruz e Sousa, na última estrofe de *Velho Vento*. Apesar de não ser o mais frequente em Florianópolis, o vento sul é o mais relacionado com a história da cidade, chegando mesmo a fazer parte de sua cultura, por meio de mitos e lendas, da literatura, da música e nas artes plásticas. Ele é também o mais intenso e o mais frio, normalmente associado a chuvas. Gélido e uivante traz o cardume de tainhas no inverno, acaba com a praia num dia de verão, alimenta histórias de bruxas no interior da Ilha de Santa Catarina, forma hábitos, costumes e credences de seus habitantes. Os artistas plásticos Eduardo Dias e Martinho de Haro se dedicaram ao tema, vários cronistas da ilha também o fizeram. Podemos relacionar a obra plástica de Hassis, chamada “Vento sul” com o poema “A uma passante”, de Charles Baudelaire. A cidade grande que nasce no século XIX, para Baudelaire, pode proporcionar experiências bizarras, como a de um encontro amoroso em que o que permanece é o trauma por uma promessa não realizada. Como pode o vento sul entrar neste circuito? Talvez por coexistências, anacronismos, coesão e ambiguidade; intenções e interpretações, atribuições e legitimações, que resultam em paisagens imaginadas, representadas e capturadas.